

O papa mike estava caído na calçada, meio de costas, meio de lado, com o joelho da perna direita flexionado, de maneira que, já a um primeiro olhar, pude ver os dois buracos de balas na altura do peito. Uma delas tinha perfurado o colete que nem se fosse papel. Na nádega direita, havia um rombo do tamanho de uma maçã – era de um outro tiro que tinha atingido ele no estômago e arrombado tudo por dentro, do mesmo modo que o dedo sujo de um moleque malvado faz, ao se enfiar num pote de margarina. Só o impacto dos projéteis de uma 12 pra fazer um estrago assim, tanto que nem me dei ao trabalho de conferir os cartuchos no chão. Me ajoelhei e olhei pro rosto do morto que milagrosamente ainda equilibrava o boné da corporação na cabeça. Era mesmo o Cido. Sentado na calçada, o parceiro dele, o cabo Benê, um negão forte que nem um touro, soluçava. Senti um nó no peito e mordi os lábios. O sargento Okamoto estava do lado, os olhos de gato tão vincados que pareciam cicatrizados. Com a mão apoiada na coronha da .40 espiava a cena, impassível, como todos os japoneses. Mas a calma do Okamoto era enganosa. Conhecia muito bem o japa: sabia que dentro dele fermentava uma raiva fria. Ótima pra fazer o que devia ser feito. Me ergui, dando uma espiada rápida no Corsa do Cido, com uma porta aberta, o banco do motorista manchado de sangue e a lataria cheia de perfurações.

- Você conta pra Marluce? – o Okamoto perguntou, seco, mal abrindo a boca.

Ia sobrar pra mim. Mas quem podia chegar na esposa do Cido, senão eu, o amigo do peito?

- Conto. Mas, antes, vou com vocês atrás dos vagabundos.

- Tá bom – ele concordou, pra, em seguida, gritar pro cabo: – Benê, levanta daí, que a gente não pode mais perder tempo!

O Benê se levantou. Como era grande o cara! A 12 na mão dele parecia uma arma de brinquedo.

- Nos conformes, sargento. Vamos lá – disse, com a voz cavernosa, limpando os olhos com as costas da mão.

- Os caras já devem estar longe. Numa boa – comentei, balançando a cabeça.

- O pessoal do Garra e da Rota já foram atrás dos vagabundos – disse o sargento Okamoto com toda a calma do mundo e estreitando ainda

¹ Conto publicado em *Guerra não declarada*. Braga: Vercial, 2014, p.17-24.

mais os olhos. – Eles vão cercar os elementos lá perto da favela. É só a gente descer a Canuto que pega eles voltando. Estão num Marea verde.

- Voltando da onde? – eu disse. – A essas horas, os vagabundos devem ter se enfiado na favela do Boqueirão. E ninguém mais pega eles.

- Negativo, tá tudo cercado. Eles devem ter chegado lá e, vindo o bloqueio, voltaram. Daqui a pouco vão querer pegar a Canuto pra entrar na Interlagos e sumir em Parelheiros.

- Por que a Canuto?

- O caminho mais rápido.

O japa conhecia conhecia a Vila Erna como ninguém.

- Tem outra coisa: combinei com o pessoal do Garra e da Rota pra não se meterem – voltou a falar o Okamoto.

- Eles vão deixar os vagabundos pra nós? – perguntei.

- Isso mesmo. Só vão ajudar cercando os elementos e não deixando eles fugir.

Legal o pessoal do Garra e da Rota. Sabiam que era questão de honra do Okamoto e do Benê. Última homenagem pro colega.

- O Benê vai com você, tá legal? – disse o sargento Okamoto.

- Tudo bem – fiz um sinal de positivo pro negão.

- A gente fecha a rua do lado daquela ladeirona, você fecha do outro, junto da praça – disse o Okamoto, entrando no Corsa, onde o parceiro dele, o cabo Ewerton já esperava com o motor ligado.

O Ewerton pisou fundo e a viatura arrancou cantando os pneus. O pessoal do IML continuava a tirar fotos do cadáver e colher provas. Entrei no Vectra e saí atrás do japa. Na primeira esquina, o Corsa tomou a esquerda e eu, a direita. Bocejei, porque ainda não havia dormido nada naquela noite. Tinha ficado até perto das três numa baiúca na Major Sertório, bebendo uísque e papeando com uma garotinha chamada Andressa. Nem bonita, nem feia – dava pro gasto. O uísque é que era uma bosta. Tão falso quanto loira de puteiro da Cracolândia. Chegando em casa, foi só vomitar. E lá estava meu jantar boiando no fundo da privada. Nem bem tomei meu banho gelado, me preparando pra ver se dormia, quando o telefone tocou. Era o sargento Okamoto:

- Má notícia, Medeiros. Parece que pegaram o teu amigo.

Meu coração bateu disparado no peito. Que amigo, pensei? Porque só tenho dois. O Bellochio, meu parceiro do 113º DP e o Cido, que é da PM.

- O Cido. Tocaiaram ele.

Fiquei em silêncio, sentindo uma dor no peito.

- Você vem?

- Já tô indo.

Enquanto me vestia, fiquei pensando naquela merda toda. Justo o Cido, caralho! Era um baixinho truncado que conheci jogando futebol soçaito no “9 de julho”. Um campeonato fuleiro, organizado entre as delegacias da Zona Sul. Muitas vezes, saía pau: afinal, eram jogos da Polícia Militar contra Polícia Civil. No futebol, engano um pouco, ou melhor, enganava, que agora o fôlego não ajuda. Prova disso é que, quando entrei num baixinho truncado, que conhecia de vista, levei a pior. Não gostei nada, nada, quando ele, muito rápido, me deu uma finta e enfiou a bola no meio das minhas canetas. Não bastasse isso, em outra jogada, pedalou na minha frente. Tentei inutilmente acertar o cara, mas, em vez disso, me arrebentei todo no chão. Levantei louco da vida, parti com tudo pra cima do baixinho e joguei ele no alambrado. O carinha, apesar de meus metro e noventa, quis encrespar e me encarou. Não gosto de homem me encarando e disse:

- Qualé? Vai invocar, pintor de rodapé?

Um cabeçada na boca do estômago me fez dobrar o corpo. Mas logo me recuperei e, quando já me preparava pra arrebentar o baixinho, a turma do deixa-disso interveio. Não sei quem me segurou por detrás, enquanto eu esbravejava:

- Me larga, caralho! Me larga!

- Medeiros, pára com isso, cara. É só uma brincadeira – me dizia o Coelho com o jeito manso dele.

- Acabou o jogo, acabou o jogo – disse o Bellochio, ridículo em seu uniforme de juiz e tentando também acabar com a confusão. – Tem um monte de bramas esperando pela gente.

Olhei pro baixinho. Uma porrada minha quebrava ele em dois. Mas não valia a pena gastar energia assim num jogo de brincadeira. E com um colega. O melhor era beber uma cerveja estupidamente gelada, comer uma carniinha e jogar conversa fora.

- Desculpe, cara. Fiquei nervoso à toa – disse o baixinho, esticando a mão. – Eu sou o Aparecido. Mas pode me chamar de Cido.

- Que que você tem dentro da cabeça? Um tijolo? – disse, esfregando a boca do estômago.

Ele começou a rir. Não demorou muito, a gente estava no boteco do “9 de Julho” enchendo a cara. E assim começou a minha amizade com o Cido. Uns dias depois, ele me convidou pra um churrasco na casa dele. E lá fui eu. O Cido mora bem na entrada da favela do Boqueirão num sobradinho apertado que ele mesmo construiu nas horas de folga. Respeitado e querido pelos moradores, ao contrário de muitos de seus colegas, fazia questão de mostrar que era PM. Saía de casa de farda e voltava de farda, o que, do meu

ponto de vista, era uma coisa temerária. Lembro que cheguei mesmo a alertar o Cido sobre isso.

- Se não uso a farda aqui, os vagabundos vão pensar que estou amarelando – disse ele, com indignação. – Usando a farda, imponho respeito.

Não bastasse isso, muito durão, ainda encarava os chefões das bocas e não admitia que se vendesse droga pras crianças da sua rua. E foi por isso que se fodeu. Eu sabia quem tinha feito aquela barbaridade com ele.

O Cido era casado com a Marluce e tinha dois filhos, o Carlos Alberto, de sete anos, e a Lineide, de 3. Fora o trabalho na PM, fazia bico como segurança numa Universidade, onde estudava Direito. O sonho dele era prestar concurso pra Delegado e mudar com a família pra uma cidade qualquer no interior.

- Um lugar maneiro, tranqüilo. Bom pra educar as crianças. Com um quintal grande com uma churrasqueira de verdade – várias vezes ele me contou esse seu sonho, enquanto preparava uma picanha na churrasqueira improvisada com alguns tijolos e uma grelha.

E eu tinha certeza que ele ia conseguir. Nunca vi cara mais esforçado. Gente fina, o Cido, uma moça no trato. Cada vez que ia no sobradinho da favela do Boqueirão, era recebido que nem um rei. E eu não sabia bem por quê, mas o Cido tinha a maior consideração por mim. Talvez por que tivesse escutado umas histórias a meu respeito: que eu não levava desaforo pra casa, que não era de amarelar e não fazia acordo com vagabundo.

Lembrei de tudo isso com muita tristeza, enquanto dirigia rapidamente na direção da Canuto. Coitada da Marluce. O que ia fazer sozinha, com as duas crianças, contando só com a ridícula pensão de um PM? E nem tendo mais onde morar. Porque, ali, no Boqueirão, não ia poder mais ficar. Mas o pior de tudo mesmo era perder o Cido, que ela amava de verdade. E as crianças? Como ficar sem o paizão que adoravam?

Cheguei na Canuto. Na outra ponta, que dava pra Marginal, o Okamoto e o Ewerton já deviam estar com o carro atravessado na rua. Os vagabundos iam descer a Vereador Moreira Diniz, uma puta de uma ladeira. E deviam vir à toda, com as viaturas da Garra e da Rota berrando atrás. Virando à direita, iam cair nos braços do Japa e do Ewerton. Mas se a gente tivesse sorte, talvez viessem pro nosso lado. Estacionei o carro de lado, no meio da rua.

- Vamos lá, Benê, a farra vai começar.

O negão não disse nada, abriu a porta, saiu, deu a volta no Vectra e encostou o corpanzil junto do capô. Conferi meu 38 velho de guerra.

Faltavam duas balas. Dei de ombros: era só não desperdiçar. Saí do carro, abri o porta-mala e peguei a punheteira.

Fui até o negão, que estava imóvel, segurando a 12 nos braços enormes que pareciam troncos de árvore. Sem olhar pra ele, eu disse:

- Conta lá como foi.

Sem olhar pra mim, o Benê começou a falar de um modo que parecia estar fazendo um grande esforço:

- Passei na casa do Cido, lá pelas sete da noite, peguei ele, depois, passei em casa pra dar um recado pra patroa. O Cido não quis ficar esperando. Estava com pressa porque tinha que ir na escola dele pra ver as notas de umas provas. Ele falou que era pra mim ficar esperando que logo estava de volta pra gente fazer a ronda. Tinha acabado de entrar em casa, quando escutei os tiros. Saí pra rua ainda a tempo de ver um vagabundo atirando com a 12 no Cido, que estava ajoelhado na calçada. Corri até lá, mas o vagabundo entrou no Marea e saiu no pau.

Ele rangeu os dentes, cuspidando as palavras, cheio de ódio:

- Foi uma execução. Uma covardia!

Ele se calou. Não perguntei mais nada, porque tudo tinha sido dito. Também me encostei no Vectra e fiquei esperando. Estava calmo, muito calmo. Sabia que o peso daquilo tudo ia cair em cima de mim mais tarde. Quando tivesse que contar pra Marluce ou quando chegasse no meu apartamento vazio e sentisse que ia ficar um pouco mais só. E que nunca mais o Cido ia acertar uma cabeçada na boca do meu estômago. E nem me dizer com um sorriso malandro:

- Desculpa pela bola entre as pernas. Não pude resistir...

A madrugada estava calma, fazia frio. E eu só com um leve agasalho. Mas logo a coisa ia esquentar. Eu ouvia o barulho dos grilos nas moitas da praça ao lado. De longe, vinham os ruídos da cidade que nunca dormia. O estrondo dos motores dos ônibus e carros chegavam amortecidos. Mas, de repente, escutei o ronco de um motor, de pneus derrapando, de sirenes. Me pareceu também ouvir estampidos. A festa ia começar. Torci pra que os putos virassem à esquerda. Eles podiam vir quentes, que eu estava fervendo. A adrenalina começou a correr em meu sangue, minhas mãos estavam suadas, e eu não parava de salivar, feito um cão hidrófobo. Pensei se não valia a pena entrar no carro e ir ao encontro do Okamoto e do Benê. Talvez precisassem de ajuda por lá. Mas também pensei que se os vagabundos dessem meia volta, pra evitar o japa e o negão, eu ia passar por eles, correndo o risco do Marea escapar. Aí, adeus, era só os filhos da puta se enfiarem numas quebradas, que ninguém mais pegava eles.

Na verdade, estava com medo de ficar fora da festa. Isso se o japa e o Ewerton dessem conta do recado. Aí, só me sobrava ir até a casa do Cido. E falar com a Marluce. Mas escutei o ronco de um motor bem perto. O Benê se mexeu excitado e destravou a 12. Meu coração bateu acelerado. Vi uns faróis altos de um carro dobrando a rua. Tinha que ser um Marea. Era o Marea verde! O Benê se colocou em posição de tiro. Levantei a punheteira e firmei os pés no chão. Atiramos. Dois estrondos: o vidro do pára-brisa do carro estilhaçou, e o Marea, desgovernado, subiu na calçada, batendo de frente numa árvore. Nesse instante, chegava o Corsa com o Okamoto e o Ewerton. Eles desceram embalados. Corremos até o Marea. Saía fumaça do motor do carro, e as rodas giravam, guinchando que nem um morcego. Segurando a 12 rente à cara, o Ewerton abriu uma das portas do Marea. O motorista já era, com a cara esfacelada. No banco do lado, um sarará albino, todo ensangüentado, com piercings nas sobrancelhas e no nariz, gemeu, levantando as mãos, gemendo:

- Tô limpo, tô limpo.

Ignorando o vagabundo, que estava sob a mira do Ewerton e do Benê, o Okamoto abriu a porta detrás do carro. Um moleque magrelo, de uns dezoito, dezenove anos, os olhos arregalados de pavor, tremia que nem se estivesse com febre.

- Vamos precisar só de um pra dar o serviço – rosnou o japa.

- Falou – disse o Benê, engatilhando a punheteira.

O vagabundo instintivamente tentou se proteger com os braços. Ouvi um estrondo, e os projéteis, depois de arrebentar os braços erguidos, abriram um rombo no peito do albino, arremessando o vagabundo violentamente contra a porta. Ele caiu entre o banco e console do carro e ficou ali inerte. O Okamoto agarrou o moleque pelos cabelos e puxou ele pra fora. O garoto caiu de quatro, implorando pela vida. O japa encostou a automática na orelha do vagabundo:

- Você vai dar o serviço agora, senão acaba que nem os outros.

- Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus – ele gemia.

- Não põe Deus no meio, caralho! Quem que mandou executar o

Cido?

O Okamoto não estava pra brincadeira. A prova disso era o sarará arrebentado no banco da frente. O japa deu uma cacetada de leva na orelha do moleque, que não esperou mais pra responder, dizendo apavorado:

- O Cezinha...

Nisso, chegaram as viaturas do Garra e da Rota, como de costume, fazendo um estardalhaço.

- Tudo sob controle – disse o Okamoto pros colegas, enfiando a .40 no coldre. E, dando um empurrão no pivete, completou: – Sobrou esse daqui.

Voltei pro carro pra guardar a punheteira. Abri o porta-mala do Vectra e deparei com uma bola de futebol soçaita novinha. Uma surpresa que tinha guardado pro Cido pra usar em nosso próximo jogo. Senti um aperto no coração. Entrei no carro, sentei e fiquei ali parado uns segundos, a cabeça numa zoeira só. Eu não queria fazer o que tinha que fazer e, por isso, fiquei sentado uns minutos, batendo nervosamente com os dedos no volante. Mas, como sabia que não adiantava nada ficar protelando aquela merda, dei um suspiro e liguei o motor.

Era eu e mais ninguém que tinha que dar o recado pra Marluce.